

PROJETO DE PESQUISA

CURSO DE PSICOLOGIA

**VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: O IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DE
ADOLESCENTES**

Orientadora: Mariana Guedes de Oliveira Franco

Discentes: Bárbara Aparecida Beijo Félix, Rita de Cássia
Schenten

BEBEDOURO-SP

2020

BÁRBARA APARECIDA BEIJO FÉLIX

RITA DE CÁSSIA SCHENTEN

**VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: O IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DE
ADOLESCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado a banca com o requisito de obtenção do diploma em Bacharelado em Psicologia pelo Centro Universitário UNIFAFIBE.

Orientadora: Mariana Guedes de Oliveira Franco

BEBEDOURO-SP

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO

BÁRBARA APARECIDA BEIJO FÉLIX

RITA DE CÁSSIA SCHENTEN

VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: O IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DE ADOLESCENTES

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro Universitário UNIFAFIBE, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA:

BEBEDOURO/SP

2020

VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: O IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DE ADOLESCENTES

INTRAFAMILIARY VIOLENCE: THE IMPACT ON THE ADOLESCENTS DEVELOPMENT

Bárbara Aparecida Beijo Félix¹

Rita de Cássia Schenten ²

RESUMO

A violência intrafamiliar está presente no cotidiano de muitas famílias brasileiras. Toda ação que prejudique a plena saúde física e psicológica, bem como a liberdade e desenvolvimento de outro membro da relação familiar é considerada violência intrafamiliar. Dessa forma, o presente trabalho apresenta os resultados de uma revisão sistemática da literatura brasileira realizada nos bancos de dados virtuais: Scielo e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). O objetivo principal do estudo foi analisar quais os impactos da violência intrafamiliar no desenvolvimento de adolescentes. 16 estudos atenderam aos critérios de inclusão previamente estabelecidos. A análise crítica desses estudos indicou que a violência intrafamiliar se constitui com fator de risco para uma série de condições, como por exemplo, aprática de atos infracionais na adolescência, a violência escolar e bullying, a violência sexual e uso de álcool e outras substâncias. Também foram identificados fatores de proteção que contribuem para um pleno desenvolvimento psicossocial dos adolescentes.

Palavras-chave: Violência Intrafamiliar; Família; Adolescência.

¹ Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP.
E-mail: barbarabfelig@hotmai.com

²Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP.
E-mail: rita.schenten@hotmail.com

³Docente e Orientadora em Psicologia no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP.
E-mail: marianagfranco@usp.br

ABSTRACT

Intrafamily violence is present in the daily lives of many Brazilian families. Every action or omission that damages the well-being, the physical or psychological integrity, the freedom and the right to the full development of another family member is considered intrafamily violence. Therefore, this work is the presentation of the results of a systematic research carried out in two virtual databases. The main objective was to analyze which are the impacts of intrafamily violence on the adolescents development and which risk factors can be evidenced. As a result, it was observed that there are several risk factors, however some drew more attention such as: the execution of infringing acts, school violence and bullying, sexual violence and the use of alcohol and other substances. In addition to the risk factors, protective factors were found, which contribute to full psychosocial development.

Keywords: Violence; Family; Adolescence.

1. INTRODUÇÃO

As demandas contemporâneas da Psicologia envolvem uma diversidade de temas, um tema de destaque na atualidade é a violência intrafamiliar, ou seja, a violência que ocorre no meio familiar. Toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família é considerada violência intrafamiliar. Essa modalidade de violência poder ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental, ainda que sem laços de consangüinidade. (Brasil, 2001 citado por Moreira & Sousa, 2012) Segundo Moreira e Sousa (2012), consideram-se violência intrafamiliar apenas aquela que ocorre no âmbito da família, desconsiderando maus tratos sofridos por pessoas fora deste contexto. Para os autores, esse tipo de violência acomete principalmente crianças e adolescentes, no entanto, apesar de comum: “não é um fenômeno natural, mas construído historicamente nas e pelas relações sociais” (Moreira & Sousa, 2012, p.15).

Hoje em dia muito se vê em noticiários e demais meios de informações que a violência contra crianças e adolescentes tem sido muito praticada, porém, ainda assim os meios de proteção se tornam falhos, pois tais evidências são cometidas por familiares e/ou cuidadores das vítimas:

Devido a sua complexidade, além de depender de aspectos emocionais dos profissionais, estruturais, legais, da existência de órgãos de apoio e oferta de capacitações para a identificação dos sinais. No entanto, muitos profissionais, mesmo aqueles capacitados, temem a represália dos agressores, razão pela qual não notificam os casos de violência. (Acioli, Lima, Braga, Pimentel, & Castro, 2011)

Segundo De Antony e Koller (2000), esse tipo de violência nem sempre é evidenciada, pois pode envolver elementos como situações mal resolvidas do passado, insubordinação ou até mesmo um padrão de comportamento que acompanha a família desde muito tempo, ou seja, um “costume”. A prática da violência nas famílias, antigamente, era considerada algo natural, entendida como uma forma de “fazer a criança aprender e não repetir os mesmos erros”. Dessa forma, entende-se que por muito tempo, negligenciou-se a vivência humana daqueles que sofriam as violências: “... Isso porque, na sociedade, a prática do castigo e da autoridade é comum e reconhecida, frequentemente, como normal, principalmente no espaço considerado privado ou domiciliar, tida como forma de educar.” (Acioli et al., 2011). Thomazine, Oliveira e Viera (2009) afirmam que a criança e o adolescente possui seus direitos garantidos por 267 artigos contidos na lei federal 8.069/90 que compõe o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) onde o mesmo visa o direito de proteção e a prioridade no atendimento, de forma com que os profissionais envolvidos na área de saúde e educação tem a obrigatoriedade em denunciar casos de todos os tipos de violência contra crianças e adolescentes.

Assim, no Brasil, conforme descrito no artigo 13 do Eca, os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais (Rosa & Lira, 2012).

De acordo com Pereira (2011) a violência intrafamiliar pode ser classificada em quatro modalidades, sendo elas: violência física, violência psicológica, violência sexual e negligência. Cada uma dessas violências causa danos sérios e permanentes na criança e adolescente que está em situação de vulnerabilidade, sendo assim quando realizada uma denúncia ao órgão de proteção, cada caso deve ser investigado de forma individual.

Visto que todos os seres humanos necessitam de redes de apoio, no momento da denúncia a primeira rede de apoio é acionada, sendo ela, a família da vítima, porém, tal violência ocorre com pessoas do meio familiar da criança, portanto segundo Moreira e Sousa (2012), uma condição ocorrente é a aplicação de medidas protetivas, ou seja, a retirada da

criança do contexto familiar, ou suspensão temporária/definitiva do poder familiar, sendo assim, a mesma será direcionada para casas de acolhimento (abrigos).

Sendo assim, em concordância com as autoras citadas acima, para as crianças e adolescentes os pais tem papel significativo em suas vidas, e quando são vistos agindo de forma violenta, ocorrem graves seqüelas emocionais no sujeito em desenvolvimento (Moreira & Sousa, 2012).

Dessa forma, pode-se concluir que a utilização dos meios de força física e coerção psicológica resultam em conseqüências de comportamentos inadequados da criança em outros ambientes. De acordo com os autores Rossi, Santos e Almeida (2006), embora a violência intrafamiliar ocorra no contexto das relações privadas, a mesma acaba por manifestarem-se em vários cenários de convívios sociais da criança além do familiar, como no ambiente escolar, exercendo assim suas conseqüências na relação do ensino/aprendizagem.

Os autores Sanchez e Minayo (2006) enfatizam que um contexto de dominação e vexatório, tem a tendência de intensificar e fortalecer na criança ou adolescentes sintomas de agressividade, passividade, hiperatividade, depressão e de baixa auto-estima, e também pode contribuir para aumentar nos jovens dificuldades de lidar com a sexualidade.

À vista disso Moreira e Sousa (2012) propõe que os impactos da vivência da violência sobre as demandas de subjetivação dos membros familiares/responsáveis, não podem ser negligenciados pelos profissionais de educação, de saúde, de assistência e das instâncias policiais, dessa maneira, os mesmos deve visar colaborar com programas sociais para o enfrentamento da violência intrafamiliar.

Ainda assim vale ressaltar que apesar das criações de políticas públicas de proteção ao adolescente contra a violência intrafamiliar há poucos estudos relacionados a este tema, portanto há dificuldade em obter conhecimentos na busca da prevenção e enfrentamento da problemática. (Magalhães et al., 2017)

2. OBJETIVO

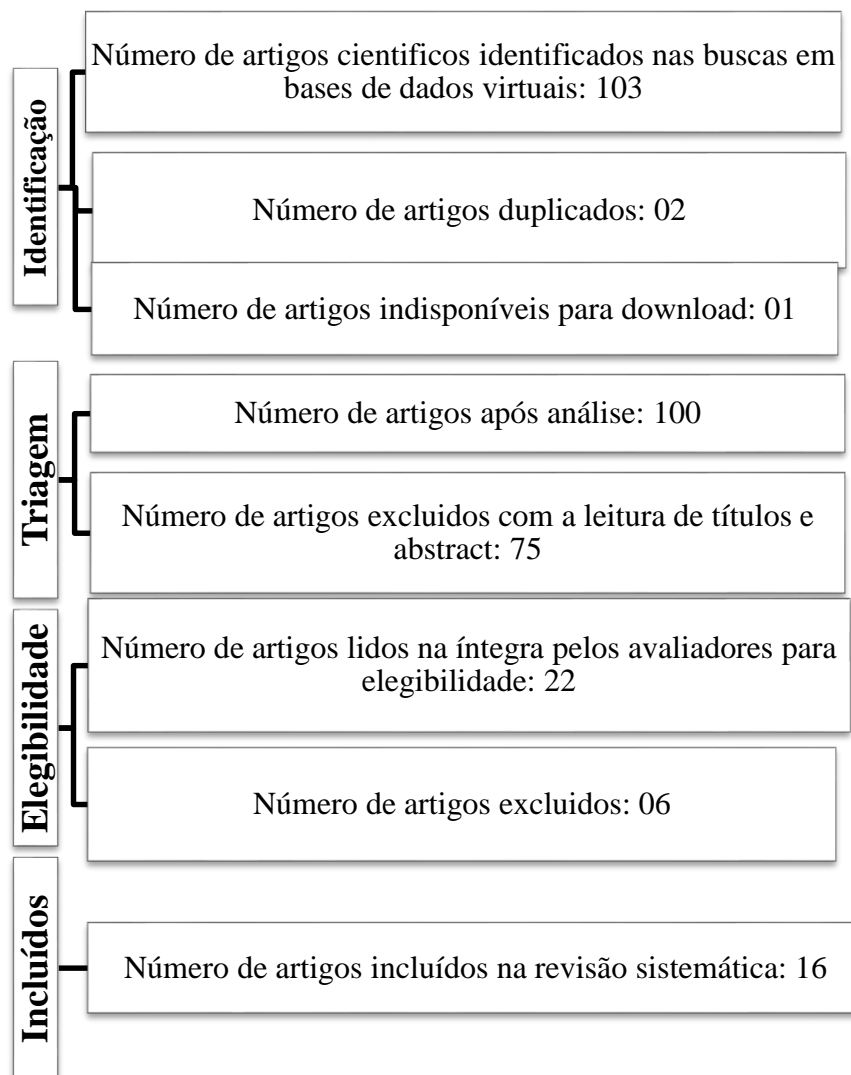
A presente pesquisa teve como objetivo analisar possíveis impactos da violência intrafamiliar no desenvolvimento psicológico de adolescentes vítimas.

3. MÉTODO

Este artigo é uma revisão bibliográfica de artigos sobre os possíveis impactos da violência intrafamiliar no desenvolvimento de adolescentes. Segundo Ercole, Melo e Alcoforado (2014), entende-se que revisão é “um método utilizado para responder uma pergunta específica sobre um problema específico” (Ercole, Melo, & Alcoforado, 2014, p.10). Foram utilizadas como fonte de pesquisa duas plataformas digitais: o Portal Regional da BVS (biblioteca virtual em saúde) e a Scielo. Para a busca, foram empregados os descritores: violência familiar AND psicologia AND adolescentes

Os critérios de inclusão da pesquisa compreenderam estudos cujos participantes eram adolescentes (10 a 21 anos); artigos brasileiros publicados nos últimos dez anos (2010- dia de realização da busca); artigos de caráter qualitativo e quantitativo; e que abordavam o impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento psicológico dos jovens.

Foram encontrados 103 artigos, destes, após a leitura de títulos e resumos, foram excluídos 75, pois não se encaixavam nos critérios de inclusão estabelecidos. A partir disso, foram selecionados 25, desses, 02 eram repetidos e 01 não estava disponível para download, totalizando 22 artigos para serem avaliados de forma íntegra. Os artigos foram lidos na íntegra e nessa etapa, outros 06 foram excluídos por não abordarem o tema. Dessa forma, 16 foram selecionados para realização do estudo. O processo de busca e seleção dos artigos pode ser observado na Figura 1:



4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após análise minuciosa dos artigos encontrados nas bases de dados descritas acima, foi possível observar que três dos dezesseis artigos possuem como referência a mesma autora, sendo ela Débora Dalbosco Dell' tais artigos foram publicados nos anos de 2012, 2016 e 2017. A partir desse dado pôde ser constatado que há um número significativo de publicações sobre este tema nos mesmos anos citados anteriormente, prevalecendo onze artigos de temas complementares. Pode ser constatado também que nos últimos dois anos foram encontrados apenas dois artigos relevantes.

<i>Nome dos artigos</i>	<i>Principais dados</i>
Violência e fragilidades nas relações familiares: refletindo sobre a situação de adolescentes em conflito com a lei.	Buscar compreender como aspectos da dinâmica familiar interferem no desenvolvimento psíquico de jovens que já cometeram atos infracionais.
Um estudo sobre fatores de risco e proteção associados à violência sexual cometida contra adolescentes e jovens adultos.	Identificar fatores de risco e proteção associados à ocorrência de violência sexual em adolescentes e jovens adultos, tanto no contexto doméstico quanto na comunidade.
Exposição à violência em adolescentes de diferentes contextos: família e instituições.	Observar a exposição à violência intra e extrafamiliar em adolescentes que vivem em diferentes contextos.
Preditores do comportamento antissocial em adolescentes.	Identificar em adolescentes, situações individuais, familiares e sociais associadas às manifestações de desordens emocionais.
A violência familiar como fator de risco para o bullying escolar: contexto e possibilidades de intervenção.	A relação de violência doméstica familiar e a ocorrência do fenômeno bullying nas escolas.
Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive.	A percepção de adolescentes que vivenciaram crise em saúde mental, bem como a busca por cuidados.
O ato de fugir de casa na adolescência: algumas hipóteses a partir de casos atendidos no projeto Caminho de volta.	Identificação dos desaparecidos menores de 18 anos por meio de cruzamento de informações genéticas de DN
O uso do castigo físico em crianças e adolescentes como prática educativa: algumas perspectivas da Sociologia, Filosofia e Psicologia.	Compreender as formas de uso do castigo físico em crianças e adolescentes que causam dor, humilhação e sofrimento.
Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental.	Identificar o perfil do jovem abusado e os impactos do abuso sobre a saúde mental do adolescente, possibilitando conhecer e dimensionar os diversos fatores de risco e de proteção à saúde da população adolescente brasileira.
Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública.	Investigar as experiências escolares relacionadas à violência, a relação entre a violência escolar e a violência intra e extrafamiliar, e possíveis ações de enfrentamento
Violência Doméstica e Risco para Problemas de Saúde Mental em Crianças e Adolescentes.	Determinar sua prevalência, realizar a caracterização da população estudada e analisar fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento das psicopatologias nesses sujeitos.
Prevalência e fatores associados à vivência de violência intrafamiliar por adolescentes escolares.	Estimar a prevalência de vivência de violência intrafamiliar e a sua associação com as variáveis sociodemográficas,

	sexuais e o uso de álcool/drogas em adolescentes de uma escola pública de Salvador, Bahia, Brasil.
O ponto de vista de adolescentes em situação de vulnerabilidade social sobre o agressor sexual.	O estudo tem por objetivo compreender a percepção de adolescentes sobre o abuso sexual.
Adolescente em conflito com a lei: revisando as contribuições de variáveis sociais, familiares e individuais.	O objetivo do trabalho foi reunir informações a partir da literatura e aprofundar os conhecimentos sobre adolescentes em conflito com a lei a partir do modelo teórico proposto por Shoemaker. E dessa forma, elaborar uma revisão teórica sobre adolescência e violência, que fornecerá subsídios para a pesquisa.
Transmissão Geracional Familiar em Adolescentes que Cometeram Ofensa Sexual.	Conhecer a dinâmica de famílias com histórico de violências sexuais praticadas por adolescentes, bem como estruturar uma conexão com a repetição de padrões de violência na vida familiar desses adolescentes.

Durante análise dos resultados foi observada a predominância de estudos de caráter qualitativo e quantitativo, sendo dez artigos relacionados às pesquisas qualitativas e seis as pesquisas quantitativas, com participantes adolescentes de idades entre dez e dezenove anos, utilizando como metodologia questionários produzidos pelos pesquisadores, entrevistas, relatos orais de participantes e formação de grupos focais.

Houve estudos em que foram aplicados questionários e inventários estruturados e reconhecidos pela sociedade acadêmica, como no estudo de Braga e Dell'Aglio (2012) onde foi aplicado o Questionário Juventude Brasileira e Nardi, Filho e Dell'Aglio (2016) utilizaram o Questionário Juventude Brasileira versão 2. Já no estudo de Benetti, Pizetta, Schwartz, Hass e Melo (2010) foram utilizados como métodos de pesquisa quatro inventários para investigação de relações parentais, sendo eles: Inventário de Estilos Parentais (IEP), Inventário de Eventos Estressores na Adolescência (IEEA), Questionário Triagem da Exposição de Crianças à Violência na Comunidade e por último, ChildBehaviorChecklist (CBCL).

Hildebrand, Celeri, Morcillo e Zanolli (2015) utilizaram como método de pesquisa o Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) adaptado para a versão brasileira. E no artigo dos autores Mota et al. (2018) foram utilizados dois formulários, sendo eles: Drug Use Screening Inventory (DUSI) e a Escala de Vitimização e Agressão entre Pares (EVAP).

Além dos artigos destacados acima também foram selecionados cinco que tiveram como metodologia de pesquisa revisão bibliográfica. Os dados demonstram que os artigos selecionados para a realização desta pesquisa possuem objetivos diferentes, porém relatam os mesmos temas, sendo assim, foram destacados quatro temas de importância considerável para explicitar o impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento de adolescentes: 1. Atos infracionais; 2. Violência escolar e bullying; 3. Violência sexual; 4. Uso de álcool e outras drogas.

4.1. ATOS INFRACIONAIS

O termo atos infracionais se dá ao adolescente que está em conflito com a lei e comete crimes. Esse tipo de conduta pode estar relacionado a relações que estabelecem controle social, podendo ser usado como exemplo a família, sendo ela a primeira instituição de controle social na vida dos indivíduos. A violência atualmente está se tornando um problema individual e coletivo, visto que está ocorrendo de forma significativa na sociedade (Zappe & Dias, 2012).

No estudo de Zappe e Dias (2012) foi possível identificar relevante relação entre violência familiar e outros tipos de violência, principalmente quando adolescentes são expostos em uma sociedade violenta, porém ainda assim, a manutenção do comportamento antissocial está associada à agressividade na relação familiar, seja com o indivíduo ou com os demais membros de sua residência.

De Antoni e Koller (2002, citado por Nardi, 2010) expõe que alguns adolescentes que cometem atos infracionais apresentam comportamentos agressivos, o que é decorrente dos padrões comportamentais estabelecidos dentro do convívio familiar e esse padrão de comportamento pode ser exposto para fora do convívio familiar, podendo dar início a atos violentos e criminosos. Sendo assim, a violência familiar é apontada como fator potencializado no desenvolvimento de comportamentos agressivos (Nardi, 2010).

Nardi, Filho e Dell'Aglio (2016) observaram em sua pesquisa que adolescentes que cumprem medidas socioeducativas apresentaram valores significativos quanto à exposição a fatores de risco em seu desenvolvimento, fazendo com que os fatores de proteção fossem considerados como abaixo da média.

Em outro estudo complementar à esta pesquisa foi possível identificar que práticas parentais negativas foram altas para adolescentes em conflito com a lei, estas podem ser caracterizadas por negligência, abuso físico, disciplina relaxada, entre outras. Com isso,

práticas positivas (comportamento moral e monitoria positiva) foram consideradas como baixos, o que comprova que a violência intrafamiliar está presente no dia a dia desses adolescentes, acarretando problemas no desenvolvimento e podendo ser a motivação de prática de atos infracionais delinquentes. Sendo assim, é possível compreender que fatores estressantes indicam a geração de situações traumáticas na vida dos adolescentes, o que gera distúrbios e problemas de saúde mental, além de comportamentos de risco como o comportamento antissocial incluindo o indivíduo na criminalidade. (Benetti, Pizetta, Schwartz, Hass& Melo, 2010).

Dell’Aglío et al. (2016) cita que adolescentes em conflito com a lei vivem em um contexto vulnerável que geram consequências negativas para o desenvolvimento, sendo que o ambiente produz criminalidade e violação de direitos, sendo assim as análises deste estudo implicam que o comportamento antissocial tem relação com a violência intra e extrafamiliar.

Segundo os autores Benetti et al. (2010) e Dell’Aglío et al. (2016) o adolescente praticante de atos infracionais vêm de uma estrutura familiar precária de recursos positivos e carregada de violências físicas e psicológicas. Com isso, no trabalho de Brondani e Arpini (2019) pode-se relacionar com os autores citados anteriormente que os adolescentes tem em seu desenvolvimento convivência com atos agressivos e de má conduta, não saindo ilesos desse ambiente, sendo assim a partir dos relatos coletados para realização da pesquisa pode-se considerar que as situações de violência marcaram de forma intensa a história de vida dos jovens.

Porém no estudo de Costa e Santos (2016) há evidências de que adolescentes que cometem atos infracionais não agem sozinhos, podendo ser influenciados também por pessoas de sua comunidade, o que enfatiza que não só o ambiente familiar tem impacto no desenvolvimento do indivíduo, como também as relações interpessoais e a comunidade, portanto os comportamentos podem ser influenciados por relações e contextos de inserção Branco et al (2008 citado por Costa & Santos, 2016).

No decorrer da vida, as crianças são naturalmente expostas a outros ambientes além do familiar e com isso há a formação de vínculos com outras pessoas com condições de vida semelhantes ou não, esses vínculos podem gerar vivências positivas e negativas, o que se torna um fator importante a ser considerado no que diz respeito a prática de atos infracionais (Barela&Codinhoto, 2018). Contudo, Fiorelli e Magini (2011 citado por Barela&Codinhoto, 2018) detalham que as relações interpessoais são importantes para o desenvolvimento social,

portanto são vínculos empregados de forma a se pertencerem a um mesmo grupo. Quando o relacionamento familiar está fragilizado os indivíduos buscam amizades com pessoas que pertencem ao mesmo grupo que eles, com isso a influência para prática de atos infracionais delituosos aumenta de proporção.

Pode-se entender que o ambiente familiar e social do adolescente interfere em seu desenvolvimento e envolvimento em condutas delinquentes, porém vale salientar que aspectos individuais também apresentam forte influência, sendo os componentes biológicos e psicológicos (Costa & Santos, 2016). O estudo de Zappe e Dias (2010) vai no mesmo sentido que este relatado anteriormente, pois consideram que o mecanismo interno dos indivíduos contribui para a prática de atos infracionais, sendo que componentes biológicos e psicológicos são determinantes para a delinquência.

4.2. VIOLÊNCIA ESCOLAR E BULLYING

Assim como a violência intrafamiliar estimula o comportamento delincente e antissocial, também tem um forte impacto na violência escolar, mais conhecida como bullying. No momento atual há diversas definições para a palavra bullying, porém este fenômeno ainda é pouco conhecido em profundidade, onde muitos desconsideram características importantes para a prevenção e atuação frente a este cenário.

Ainda hoje o fenômeno Bullying é considerado pelas escolas como indisciplina, quebra de regras e normas da sociedade escolar, com isso os aspectos psicológicos não são considerados e na maior parte dos casos a conduta profissional com os alunos agressores não são adequadas do ponto de vista emocional. Com isso é importante ressaltar que em casos de bullying é necessário considerar o indivíduo como um todo e um ser que sofre (Tognetta, 2005).

A ocorrência do bullying escolar está relacionada aos tipos de vivência social que fazem parte do cotidiano dos alunos, sendo assim o contexto em que vivem e as situações que presenciam tem forte impacto no desenvolvimento de suas crenças, atitudes e comportamentos (Giordani, Seffner&Dell'Aglio, 2017). Dessa maneira, a violência escolar pode estar associada à negligência e violência comunitária e com isso a escola pode ser um espaço de reprodução da agressividade no qual o aluno está exposto (Silva, 2003 citado por Giordani, Seffner&Dell'Aglio, 2017).

Agressores e agressores-vítimas de bullying indicaram maior percentual para recepção de maus-tratos físicos, pois há evidências de que tais indivíduos estão mais expostos à violência

intrafamiliar dos que são somente vítimas. Com isso a violência familiar está presente nas relações de poder onde as famílias adotam medidas agressivas para resolução de conflitos e também como forma de educação, utilizando a punição para corrigir comportamentos inadequados, o que se torna prejudicial para o desenvolvimento. Outro ponto evidenciado é que os agressores sofreram agressões físicas e psicológicas de seus pais, incluindo maus tratos, assim tais fatores podem ter influência no desenvolvimento de transtornos mentais e uso de álcool e outras substâncias (Lourenço & Senra, 2012).

Uma pesquisa demonstra concordância entre o trecho narrado acima, onde os dados indicam que o uso de castigo físico como forma de punição e educação além de serem ineficazes comprometem o desenvolvimento social e emocional do adolescente, o que pode estimular a prática de violência no ambiente escolar (Oliveira et al., 2015 citado por Giordani & Dell'Aglio, 2016), da mesma maneira que “os dados indicam que os adolescentes violentados na escola também o são pelos pais ou cuidadores no espaço doméstico, ocorrendo revitimização na rotina desses jovens.” (Giordani & Dell'Aglio, 2016).

Contudo não são todos os indivíduos que sofrem situações violentas no convívio familiar e social que vão manifestar atitudes agressivas em suas relações, alguns indivíduos podem viver em situações desfavoráveis mas ainda assim contarem com fatores de proteção que fortalecem os vínculos e o mecanismo psicológico a ponto de se absterem e não introjetarem como atitudes saudáveis as formas violentas de se expressarem. Como fatores de proteção podem ser destacados: “ambiente escolar, relacionamento com a vizinhança, suporte advindo de demais membros familiares, entre outros.” (Venturini, Bazon e Biasoli-Alves, 2004 citado por Lourenço & Senra, 2012).

Tais palavras podem ser relacionadas ao artigo de Tortorelli, Carreira e Araújo (2010) onde relatam que em seu estudo houve a prevalência de adolescentes e crianças que sofrem violência intrafamiliar e não tem apoio em suas casas demonstrarem no ambiente escolar aumento das práticas agressivas, o que foi comparado aos alunos que sofrem violência escolar porém tem apoio em suas residências, demonstram baixo índice de expressão da agressividade, desse modo os autores enfatizam que os relatos de violência escolar são menos frequentes em alunos que encontram no ambiente familiar apoio e acolhimento.

No artigo de Lourenço e Senra (2012) foram obtidos dados importantes para a constatação de que a violência intrafamiliar está relacionada ao comportamento de bullying, sendo enfatizado que metade dos artigos selecionados para este estudo constatou que tal

violência acarreta em traumas para crianças e adolescentes, podendo ser caracterizados baixa auto-estima, depressão, medo, insegurança, ansiedade, ambivalência de sentimentos, uso de álcool e drogas e muitos outros. Esse fato também pode ser observado no estudo de Tortorelli et al. (2010) onde a violência escolar pode ser a expressão da violência intrafamiliar, o que pode prejudicar o funcionamento educacional e aspectos de vida pessoal como autoestima, auto-imagem e socialização.

Entretanto é válido relatar que o componente familiar é importante para o desenvolvimento e prevalência de atitudes agressivas no ambiente escolar, porém, mesmo sendo considerado como causa principal para este tipo de violência é apenas um dos diversos fatores envolvidos no ato agressivo (Tortorelli et al. 2010).

4.3 VIOLÊNCIA SEXUAL

De acordo com o estudo realizado pelos autores Arpini, Savegnago e Witt (2017), a violência sexual sempre esteve presente na sociedade, contudo é um fenômeno bastante velado. Através de variáveis estudos, o mesmo tem mostrado que a maioria dos casos de abuso sexual, são acometidos dentro das relações intrafamiliares, dessa forma, possuindo um grande impacto de forma negativa no desenvolvimento da criança e do adolescente.

A violência sexual pode ocorrer tanto na forma intrafamiliar, quanto extrafamiliar, sendo assim, o abuso sexual acometido no nível intrafamiliar ocorre no espaço doméstico, e é praticado por sujeitos afetivamente próximos a vítima. (Paludo&Schiró, 2012)

O abuso sexual é um episódio complexo e difícil de confrontar tanto para a vítima, quanto para todos os envolvidos na rotina familiar. Se mostra de forma difícil seu enfrentamento, pois a denúncia sobre esse fenômeno expressa a violência e o abuso que ocorre dentro da própria família. Dessa maneira, se mostra difícil também para os profissionais responsáveis pelo caso, que muitas vezes não sabem como agir diante do problema. (Araújo, 2012)

Conforme Fontes, Conceição e Machado (2017) relatam durante sua pesquisa, a principal variável afetada devido ao abuso sexual, é a saúde mental da vítima. O mesmo deixa marcas no desenvolvimento da criança e do adolescente, com lesões que por vezes persistem durante a vida toda do indivíduo, dessa maneira, quanto antes o descobrimento do abuso, maior a probabilidade da aplicação de um recurso terapêutico adequado, para resolver ou amenizar os danos causados.

Em concordância, a autora Araújo (2002), diz que é desproporcional o impacto que essa violência estrutural e conjuntural causa nas relações interpessoais, afetando de forma

significativa nas relações interpessoais, acarretando na reprodução de padrões de comportamentos violentos durante o cotidiano social e familiar.

4.4. USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

De acordo com o estudo dos autores Mota et al. (2018), a vivência da violência no contexto familiar, possui grande impacto no desenvolvimento da criança e do adolescente, acarretando em repercussões de cunho físico, psíquico e social. Dessa maneira, através de várias pesquisas realizadas no âmbito nacional e internacional, podem-se identificar devido às violências físicas, vários tipos de lesões. Como hematomas, fraturas, escoriações, e etc. Contudo, quando se trata da saúde mental do indivíduo, os mesmos podem apresentar comportamentos agressivos, alterações de memória, baixa auto-estima, medo, tristeza e depressão. Além dessas repercussões, no campo social o adolescente tende a incapacidade para manter relações interpessoais, e também baixo desempenho escolar. Ainda assim, soma-se ainda a vulnerabilidade para outros riscos como gravidez indesejada, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), e o uso/abuso de álcool e/outras drogas, utilizados como fuga da realidade social desfavorável. Sendo assim, pode-se constatar as consequências no desenvolvimento do sujeito que é exposto a uma vida familiar permeada pela violência.

Nagli, Filho e Aglio (2016), em sua pesquisa apontou que os comportamentos antissociais e o uso/abuso de drogas na adolescência, na maioria das vezes, ocorre em um contexto de desenvolvimento recheado de eventos estressores.

De acordo com os autores Garcia, Pillon e Santos (2011) o período de grandes transformações biopsicossociais conduz ao jovem, a um desenvolvimento adequado e saudável quando núcleo familiar tende a oferecer uma boa base para as experimentações do mesmo. Entretanto, nem sempre a dinâmica familiar tende a oferecer essa estrutura para o adolescente, sendo conturbada e dessa forma, não contribui para acolher os conflitos dos filhos que estão nessa fase de desenvolvimento, o que pode resultar ao adolescente a se engajar em comportamentos sintomáticos, que favorecem a aproximação ao universo das drogas.

Segundo Bernardy e Oliveira (2010) o uso e abuso de drogas tanto lícitas quanto ilícitas é um fenômeno complexo, com origem e consequências nos âmbitos biológico, psicológico e social. Portanto, o mesmo é analisado como um sintoma familiar, entendido como uma forma do adolescente de lidar com os conflitos e angústias vivenciados, e a função desse sintoma é de indicar que está havendo falhas no sistema familiar, denunciando as mudanças comportamento do convívio familiar em relação ao jovem.

Em relação ao contexto de uso de drogas, relação conflituosa familiar, e eventos estressores a perspectiva sobre de futuro do adolescente acaba por cair em comprometimento. (Nagli, Filho e Dell’Aglío, 2016)

Dessa forma, através das análises realizadas das pesquisas de forma minuciosa, a mesma permitiu a identificação de quatro temas de importância considerável para explicitar o quanto a violência intrafamiliar possui impacto no desenvolvimento de adolescentes, que podem gerar grandes danos psíquicos. Ainda assim, se faz imprescindível um maior aprofundamento sobre o estudo, de forma com que o mesmo possibilite maior conhecimento acerca dessa temática.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo se propôs a analisar possíveis impactos da violência intrafamiliar no desenvolvimento do adolescente vítima. Dessa forma, foi realizada uma revisão bibliográfica de artigos, que utilizou como fonte de pesquisa duas plataformas digitais: a BVS e Scielo. A busca adotou como critérios de inclusão adolescentes de dez a vinte e um anos, e artigos brasileiros publicados nos últimos dez anos. Portanto, levando em consideração os aspectos mencionados durante o estudo, pode-se chegar, assim, a algumas conclusões: em primeiro, é indispensável evidenciar o impacto negativo da violência intrafamiliar no desenvolvimento do indivíduo, e o quanto este pode repercutir no convívio social e no bem-estar do adolescente.

Também se faz importante destacar que a partir das buscas, os artigos selecionados demonstraram ter objetivos diferentes, porém, dispunham de temas semelhantes. Quatro temas, muito relevantes para a investigação sobre o impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento do adolescente, foram identificados na maioria dos artigos selecionados: a prática de atos infracionais, a violência escolar e bullying, a violência sexual e o uso de álcool e outras drogas. As análises tecidas sobre a relação dos temas evidenciados e a violência intrafamiliar vivenciada pelos adolescentes, permitem supor que a presente pesquisa contribui com a síntese do conhecimento produzido sobre o tema do Brasil. Todavia, considerando as consequências dramáticas desse fenômeno para o desenvolvimento dos jovens, destaca-se a necessidade de novos estudos serem empreendidos sobre a temática.

6. REFERÊNCIAS

Acioli, R. M. L., Lima, M. L. C., Braga, M. C., Pimentel, F. C., & Castro, A. G. (2011). Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: identificação, manejo e conhecimento da rede de referência por fonoaudiólogo em serviços públicos de saúde. *Revista Brasileira Saúde e Maternidade Infantil*, *11*(01), 21-28. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v11n1/a03v11n1.pdf>

Almeida, A. S. C., Santos, M. C. A. B., & Rossi, T. M. F. (2006). Representações sociais de professores do ensino fundamental sobre violência intrafamiliar. *Psicologia: teoria e pesquisa*,

22(03), 277-286). Recuperado de: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000300004

Antoni, C. D., & Koller, S. H. (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 347-381. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v5n2/a04v05n2.pdf>

Araújo, M. F. (2002). Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em Estudo*, 7(2), 3-11. Recuperado em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v7n2/v7n2a02>

Arpini, D. M., Savegnago, S. D. O., & Witt, C.S. (2017). O ponto de vista de adolescentes em situação de vulnerabilidade social sobre o agressor sexual. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12 (2), São João del Rei, maio-agosto de 2017. 247-262. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-8908201700020000

Barela, V. S. I. M., & Codinhoto, E. (2018). Adolescentes em conflito com a lei: fatores que leva o adolescente ao ato infracional sob o ponto de vista do psicólogo. *Revista Farol*, 7(7), 41-57. Recuperado de: <http://www.revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/146/120>

Benetti, C. P. S., Pizetta, A., Schwartz, B. C., Hass, A. R., & Melo, L. V. (2010). Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. *Psicologia-USF*, 15(3), 321-332. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/pusf/v15n3/v15n3a06.pdf>

Bernardy, C. C. F., Oliveira, M. L. F. (2010). O papel das relações familiares na iniciação ao uso de drogas de abuso por jovens institucionalizados. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(1). Recuperado em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342010000100002&script=sci_arttext

Braga, L. L. e Dell'Aglio, D. D. (2012). Exposição à violência em adolescentes de diferentes contextos: família e instituições. *Estudos em Psicologia*, 17(3), 413-420. Recuperado de: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2012000300009&script=sci_abstract&tlng=pt

Brondani, P. R., & Arpini, M. D. (2019). Violência e transgeracionalidade: relações familiares de jovens que cumprem medidas socioeducativas. *Revista Pensando Famílias*, 23(2), 256-270. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n2/v23n2a19.pdf>

Costa, F. L., Penso, A. P., Conceição, G. I. M., & Carreteiro, C. O. C. T. (2017). Transmissão geracional familiar em adolescentes que cometeram ofensa sexual. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(4), 995-1010. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v37n4/1414-9893-pcp-37-04-0995.pdf>

Costa, P. L., & Santos, S. S. (2016). Adolescente em conflito com a lei: revisando as contribuições de variáveis sociais, familiares e individuais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16(3), 757-771. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451854875006>

Ercole, F. F., Melo, S. L., & Alcoforado, C. G.L.C. Revisão Integrativa versus Revisão Sistemática. *Revista Mineira de Enfermagem*, 18 (01), 1-220, 2014. Acesso em: 23 de maio de 2020. Recuperado de: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20140001>.

Fíguro-Garcia, C. (2017). O ato de fugir de casa na adolescência: algumas hipóteses a partir de casos atendidos no projeto Caminho de Volta. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 12(23), 45-59. Recuperado de: http://www.isepol.com/asephallus/numero_23/pdf/5-o_ato_de_fugir_de_casa_na_adolescencia.pdf

Fontes, L. P. C., Conceição, O. C., Machado, S. (2017). Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental. *Ciência e saúde coletiva*, 22(9), 2919-2928. Recuperado de: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232017002902919&script=sci_abstract&tlng=pt

Garbin, S. A. C., Queiroz, G., A.P.D., Rovida, S. A.T., &Saliba, O. (2012). A violência familiar sofrida na infância: uma investigação com adolescentes. *Psicologia em Revista*, 18 (01), 107-118, Belo Horizonte, 2012. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682012000100009.

Garcia, J. J., Pillon, S. C., e Santos, M. A. (2011). Relações entre contexto familiar e uso de drogas em adolescentes de ensino médio. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 19. Recuperado em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692011000700013&script=sci_arttext

Giordani, P.J., &Dell'Aglio, D. D. (2016). Violência escolar: associação com violência intrafamiliar, satisfação de vida e sintomas internalizantes. *Academia Paulista de Psicologia*, 36(91), 340-356. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/946/94649376007.pdf>

Giordani, P. J., Seffner, F., &Dell'Aglio, D. D. (2017). Violência escolar: percepção de alunos e professores de uma escola pública. *Psicologia Escolar e Educacional - SP*, 21(1), 103-111. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v21n1/2175-3539-pee-21-01-00103.pdf>

Hildebrand, A. N., Celleri, V. R. H. E., Morcillo, M. A., &Zanolli, L. M. (2015). Violência doméstica e risco para problemas de saúde mental em crianças e adolescentes. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 28(2), 213-221. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v28n2/0102-7972-prc-28-02-00213.pdf>

Lourenço, M. L., &Senra, X. L. (2012). A violência familiar como fator de risco para o bullying escolar: contexto e possibilidades de intervenção. *Aletheia*, (37), 42-57. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942012000100004

Magalhães, J. R. F., Gomes, N. P., Mota, R.S., Campos, L. M., Camargo, C. N., & Andrade, S.R. (2017). Violência intrafamiliar: vivências e percepções de adolescentes. *Escola Anna Nery*, 21(01), 01-07. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v21n1/1414-8145-ean-21-01-e20170003.pdf>

Moreira, C. I. M., & Lira, M. O. S. C. (2012). Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: do espaço privado à cena pública. *O Social Em Questão*, (28), 13-26, 2012. Recuperado de: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/2artigo.pdf>

Mota, S. R., Gomes, P. N., Estrela, M. F., Silva, A. A., Santana, D. J., Campos, M. L., & Cordeiro, C. C. K. (2018). Prevalência e fatores associados à vivência de violência intrafamiliar por adolescentes escolares. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(3), 1086-1091. Recuperado de: https://www.scielo.br/pdf/reben/v71n3/pt_0034-7167-reben-71-03-1022.pdf

Nardi, L. F. (2010). *Adolescentes em conflito com a lei: percepções sobre família, ato infracional e medida socioeducativa* (Dissertação de Mestrado: Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento). Recuperado de: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/23013>

Nardi, L.F., Filho, H. N., & Dell’Aglia, D. D. (2016). Preditores do comportamento antissocial em adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(1), 63-70. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v32n1/1806-3446-ptp-32-01-00063.pdf>

Paludo, S. S. e Schiró, E. D. B. D. (2012). Um estudo sobre os fatores de risco e proteção associados à violência sexual cometida contra adolescentes e jovens adultos. *Estudos em Psicologia*, 17(3), 397-404. Recuperado em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2012000300007&script=sci_arttext

Pereira, C. P. As Vicissitudes de famílias que convivem com a violência: um estudo longitudinal com intervenção. *Programa de Pós-Graduação em Educação Especial*, 01-222, São Carlos, 2011.

Ribeiro, M. J. (2014). O uso do castigo físico em crianças e adolescentes como prática educativa: algumas perspectivas da Sociologia, Filosofia e Psicologia. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 9(2), 213-221. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v9n2/07.pdf>

Rosa, E. M., & Lira, M. O. S. C. (2012). Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: rede de apoio e superação. *Journal of Human Growth and Development*, 22(2), 246-252. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822012000200018&lng=pt&tlng=pt.

Rossi, M. L., Marcolino, Q. T., Speranza, M., & Cid, B. F. M. (2019). Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. *Caderno de Saúde Pública*, 35(3). Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v35n3/1678-4464-csp-35-03-e00125018.pdf>

Thomazine, A. M., Oliveira, B. R. G., & Viera, C. S. (2009). Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência intrafamiliar por enfermeiros em serviços de pronto-atendimento. *Revista eletrônica de Enfermagem*, 11(04), 830-40. Recuperado de: http://deploy.extras.ufg.br/projetos/fen_revista/v11/n4/pdf/v11n4a08.pdf.

Tognetta, Luciene Regina Paulino. (2005). Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos. In: Pontes, Aldo; De Lima, V. S.: **Construindo saberes em educação**. Porto Alegre: Editora Zouk.

Tortorelli, P. F. M., Carreiro, R. R. L., & Araújo, V. M. (2010). Correlações entre a percepção da violência familiar e o relato de violência na escola entre alunos da cidade de São Paulo. *Psicologia Teoria e Prática*, 12(1), 32-42. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193814418004.pdf>

Zappe, G. J., Dias, & G. C. A. (2010). Delinquência juvenil na produção científica nacional: distâncias entre achados científicos e intervenções concretas. *Barbaroi*, (33), 82-103. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n33/n33a06.pdf>

Zappe, G. J., & Dias, G. C. A. (2012). Violência e fragilidades nas relações familiares: refletindo sobre a situação de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 389-395. Recuperado de: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-665999>